

Programação e resumos



5^o Congresso Brasileiro de Micologia

Recife - 12 a 16 de novembro de 2007

Editoração

Adriana Mayumi Yano Melo
Allyne Christina Gomes Silva
Bruno Tomio Goto
Danielle Karla Alves da Silva
Elaine Malosso
Marcela da Silva Cáceres
Oliane Correia Magalhães
Reginaldo Gonçalves de Lima Neto
Rejane Pereira Neves

Design gráfico

Vanessa Macedo

Sociedade Brasileira de Micologia, 5º Congresso Brasileiro de Micologia.
Recife, PE – 12 a 16 de novembro de 2007

Congresso Brasileiro de Micologia (S. : 2007 : Recife, PE)

5º Congresso Brasileiro de Micologia / organização Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Micologia, Programa de Pós-Graduação em Biologia de Fungos ; apresentação Leonor Costa Maia. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

376 p. : il., tab.

Inclui índice remissivo.

ISBN 978-85-7315-443-6 (broch.)

1. Micologia – Congressos. I. UFPE – Departamento de Micologia. II. Maia, Leonor Costa.

582.28

CDU(2.ed)

UFPE

579.5

CDD(22.ed.)

BC-2007-112

AG-080 Ocorrência de *Fusarium graminearum* Schwabe em inflorescências e frutos de mamoneira (*Ricinus communis*). Laís Soares (UFAL), Edna Amorim (UFAL), Roseane Predes (UFAL), Iris Lettiere (UFAL). (laly_peixoto@hotmail.com)

A cultura da mamoneira (*Ricinus communis* L.) é bastante difundida em todo o país devido ao valor industrial das sementes de onde pode ser extraída a torta, utilizada como fertilizante, e o óleo, seu principal produto, tido como um dos mais versáteis na natureza. Apesar de ser uma planta rústica, a mamoneira está sujeita a diversas doenças. Em inspeções de campo, em uma área experimental do Centro de Ciências Agrárias (CECA) localizada no setor de Fitotecnia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) foram verificados sintomas de manchas creme nas inflorescências e nos frutos de mamoneira em desenvolvimento, seguidos de deterioração das inflorescências e dos frutos e chochamento das sementes. Amostras do material foram conduzidas à clínica fitossanitária (CECA/UFAL), onde se procedeu ao isolamento. O fungo *Fusarium graminearum* Schwabe foi identificado como agente etiológico. Para confirmação da patogenidade seguiram-se os Postulados de Koch. A inoculação artificial foi realizada imergindo-se as sementes de mamoneira previamente desinfestadas, em uma suspensão do fungo (10^6 con/mL) por 10 minutos, seguida da incubação em condições ambientais (28°C). Trata-se do primeiro relato da sua ocorrência em sementes de mamoneira, no Brasil.

→ **AG-081 Ocorrência de *Pythium* sp. em mudas de bastão-do-imperador (*Etilingera elatior* Jack R.M.Sm) no estado do Pará.** Luiz Poltronieri (Embrapa Amazônia Oriental), Joseani Silva (Embrapa Amazônia Oriental), Alessandra Moraes (Embrapa Amazônia Oriental), Michelle Nascimento (Embrapa Amazônia Oriental), Vicente Miranda (Embrapa Amazônia Oriental), Jaqueline Verzignassi (Embrapa Amazônia Oriental). (ale.jgm@gmail.com)

Dentre as plantas ornamentais tropicais, o bastão-do-imperador (*Etilingera elatior* Jack R. M. Sm.) apresenta importância significativa. É originária da Indonésia e pertencente à família Zingiberaceae. As condições de cultivo de bastão-do-imperador, bem como das demais plantas ornamentais tropicais, como a alta densidade de plantio, aliada aos fatores precipitação, umidade e temperatura, favorecem a ocorrência e a severidade de doenças que limitam a produção e reduzem a qualidade das flores. Em áreas de bastão-do-imperador, destinadas a trabalhos de melhoramento genético na Embrapa Amazônia Oriental, foram observadas plântulas com sintomas de podridão no colo, de aspecto aquoso, e morte de plantas em rebolera. A partir do tecido lesionado, procedeu-se o isolamento em meio de cultura ágar-água, com posterior repicagem para meio cenoura-água. Após cinco dias, a temperatura de 26°C e luz fluorescente (fotoperíodo de 12h), verificou-se a presença de *Pythium* sp. Mudas de bastão-do-imperador, em vasos, foram inoculadas de duas formas: a) suspensão de zoósporos no solo, na região do colo das plantas; b) discos de micélio+meio inoculados no colo das plantas previamente feridas. Após 5 dias, foram observados sintomas de murcha da parte aérea, seguidas de constrição do colo, apodrecimento úmido, amarelecimento, tombamento e morte das mudas, comprovando a sua patogenidade. Este é o primeiro relato deste patógeno causando doença em bastão-do-imperador no Pará.

AG-082 Podridão floral em jambu branco (*Spilanthes acmella*) causado por *Alternaria solani*. Daniel Rosa (UNESP/FCA), Marco Basseto (UNESP/FCA), Helenize Souza (UNESP/FCA), Cecilia Ohto (UNESP/FCA), Nilton Souza (UNESP/FCA), Edson Furtado (UNESP/FCA). (ddrosa@fca.unesp.br)

Jambu branco (*Spilanthes acmella*) é uma das 42 espécies do gênero *Spilanthes*, pertencente à família Asteraceae. É uma planta herbácea, nativa da região amazônica, muito utilizada como condimento na gastronomia daquela região e também utilizada como planta medicinal pela população nativa por suas características antimicrobianas e anestésicas. Por sua potencialidade medicinal, esta planta vem sendo cultivada no sudeste do Brasil, mais especificamente no interior de São Paulo, visando à produção de fitoterápicos e cosméticos. Com isso, a espécie passou a ser cultivada agricolamente, evento esse que trás como consequência o aparecimento de pragas e doenças ainda desconhecidas, ou que antes não apresentavam um grande potencial destrutivo, como foi o caso do carvão do jambu (*Tecaphora spilanthes*). No ano de 2007 observou-se nas plantações de jambu branco na região de Botucatu-SP (22°53'09"S e 48°26'42"O) o surgimento, nas flores de jambu, de pontuações necróticas as quais evoluíram para necrose e apodrecimento geral das flores. Destas plantas foram coletadas flores e essas foram submetidas ao exame de diagnose por microscopia em microscópio estereoscópico. Observou-se um crescimento aveludado enegrecido nas sépalas, cálice e haste das flores, e neste crescimento vedricou-se a presença de conídios e conidióforos típicos de *Alternaria* spp., verificando-se assim o possível agente causal da doença. Procedeu-se ao isolamento do material efetuando-se a desinfestação de fragmentos das flores em álcool por 30 segundos, seguido de lavagem em hipoclorito de sódio 2% por 30 segundos e lavagem em água destilada esterilizada, sendo então plaqueados os fragmentos em meio de cultura BDA e incubado a 22°C por 4 dias no escuro. Observaram-se colônias de coloração enegrecidas com bordas esbranquiçadas, sendo os isolados repicados para placas de petri contendo meio de cultura V8 e incubadas a 25°C sob regime de 12 horas de luz por 10 dias, para produção de esporos. Após esse período, lâminas foram confeccionadas para caracterização morfológica do isolado, observando-se conidióforos simples, septados, longos, com coloração variando de hialino a escuro, tendo de 5 a 11 septos, medindo de 12-20µm de largura a 120-296µm de comprimento e conídios terminais. Os conídios eram multicelulares, não concatenados, com forma clavada, e apresentavam septos transversais e longitudinais, sendo que o número de septos transversais variou de 5 a 11, tendo em média 7 septos por conídio. Nos conídios, uma das extremidades apresentava-se arredondada e a outra, pontiaguda, sendo nessa comum a presença de um apêndice que variou de 59 a 105µm de comprimento, em média 96µm, o corpo do conídio variou de 42 a 131µm de comprimento por 12 a 34µm de largura. Baseado nessas características identificou-se o fungo como *Alternaria solani*. Verificou-se a patogenidade do isolado obtido através de sua inoculação por borrição sobre botões florais de jambu branco, de uma suspensão de 2×10^8 conídios/mL, os quais foram acondicionados em câmara úmida a 22°C por 24 horas. Após esse período, verificou-se o surgimento de pontuações enegrecidas as quais evoluíram para a necrose das flores, sintomas esses não observados nas flores borriçadas com água destilada, que serviram como testemunha. Este é o primeiro relato de *A. solani* causando necrose e podridão floral em plantas de jambu branco no mundo.

→ **AG-083 Primeiro relato de *Rhizoctonia solani* em frutos de aceroleira (*Malpighia emarginata* L.) no estado do Pará.** Tathianne Ferreira (UFRA), Luiz Poltronieri (UFRA), Rosemary Costa (UFRA), Michelle Nascimento (UFRA), Vicente Miranda (UFRA), Jaqueline Verzignassi (UFRA). (rosecorreacosta@yahoo.com.br)

A aceroleira (*Malpighia emarginata* L.), planta cujos frutos apresentam altos níveis de vitamina C, é uma das espécies de frutas mais prestigiadas no País devido ao seu sabor e suas propriedades medicinais. O Brasil é hoje o principal produtor mundial dessa fruta, destacando-se as regiões Norte e Nordeste sendo Pará e Pernambuco os maiores produtores estaduais. No Pará, a produção de acerola encontra-se em grande expressão nos municípios de Castanhal e Tomé-açu. Em visita aos pomares da Embrapa Amazônia Oriental, em Belém, foram encontrados plantas de aceroleira apresentando frutos com manchas de coloração inicialmente marrom-clara, evoluindo para manchas circulares de coloração marrom-escuro e apodrecimento. Os frutos foram encaminhados ao Laboratório de Fitopatologia para a diagnose. Porções da interface tecido sadio-tecido lesionado dos frutos foram plaqueadas em BDA (batata-dextrose-água). As colônias formadas apresentavam micélio hialino que, com o passar do tempo, adquiria a coloração marrom e as hifas apresentavam ramificação em ângulos de 90°, característicos de *Rhizoctonia solani* Kühn. Efetuou-se a inoculação do fungo em folhas destacadas e frutos sadios de acerola, e após dois dias os sintomas foram reproduzidos somente nos frutos, comprovando a patogenidade do fungo. Este é aparentemente, o primeiro relato *R. solani* atacando frutos de aceroleira no Brasil.

AG-084 *Pythiella vernalis* Couch em *Pythium aphanidermatum* (Edson) Fitzp. de cultura hidropônica de agrião. Carmen Pires-Zottarelli (IBT), Amaury Santos (Embrapa Tabuleiros Costeiros), Adauto Milanez (IBT), Matheus Cipriano (IAC). (zottarelli@uol.com.br)

Pythiella vernalis Couch é originária da América do Norte e espécie tipo do gênero. Caracteriza-se como um hiperparasita endobiótico holocarpico de representantes do gênero *Pythium*, tendo sido descrita por J.N. Couch, em 1935, como parasita de *Pythium gracile* Schenk (= *P. dictyonum* Tokunaga) e *Pythium dictyosporum* Racib. (= *Cystosiphon dictyosporum* (Racib.) M.W. Dick, ambos parasitas em *Spirogyra areolata* Lagerh. e *Spirogyra* sp. O material estudado foi isolado como parasita de *Pythium aphanidermatum* (Edson) Fitzp., proveniente de raízes sintomáticas de agrião (*Lepidium sativum* L.), da cidade de Taubaté (SP), em fevereiro de 2006. O isolamento do patógeno foi realizado a partir da lavagem, em água esterilizada, das raízes necróticas do agrião e subsequente purificação em meio de cultura BDA (Batata-Dextrose-Ágar). Após purificação, o isolado crescido foi transferido para placa de Petri